

Lucio Flavio Pinto

4468 Alternativas no garimpo

O futuro de Serra Pelada vai depender, em boa parte, do comportamento dos principais personagens envolvidos na história. Como eles nem sempre fazem o que dizem e o que fazem nem sempre é revelado, há um forte componente de imprevisibilidade nesse futuro: O garimpo pode ser desativado naturalmente, como poderia ter ocorrido em ocasiões anteriores se houvesse intenção nesse sentido, mas, se surgir resistência e reação mais conseqüente ao veto presidencial de anteontem, não está afastada a hipótese de violências, caso seja tentada uma evacuação à força.

As manipulações e interpretações feitas em torno da questão dão-lhe dramaticidade que ela própria não tem. A decisão do presidente da República, ainda que possa levar a deduções sobre suas motivações políticas, tem justificativas técnicas plausíveis. As motivações podem até ser outras, mas o respaldo legal existe. A alegação de inconstitucionalidade é evidenciada pela pressa com que foi elaborado e aprovado o projeto-de-lei.

O veto, porém, não encerra a questão. Os garimpeiros ganharam uma liminar da juíza de Marabá e setença plausível no TFR, em Brasília, a que impede qualquer iniciativa visando a sua transferência até o julgamento de mérito. A área ainda ficará "sub judice" por algum tempo.

Mesmo que quisesse, portanto, o Governo não poderia, com base no veto presidencial (ainda suscetível de apreciação pelo Congresso), retirar os garimpeiros de Serra Pelada. Provavelmente, considerando tal circunstância e o clima de tensão que estava se criando na área, a Coordenadoria comunicou, anteontem, que não existe mais uma data pré-estabelecida para a desmobilização do garimpo: 15 de novembro já era. Em dois comunicados, lidos na praça de Serra Pelada, a Coordenação garantiu que os garimpeiros ali permanecerão enquanto for possível, entendendo-se por possível o limite de segurança da escavação em níveis profundos, com chuvas pesadas.

No início do ano havia três mil garimpeiros em Serra Pelada. Em novembro de 1981 o garimpo praticamente foi abandonado. Seu fechamento só não ocorreu porque o Governo, interessado no aproveitamento político daquele colégio eleitoral, não quis. Agora que a intenção governamental mudou, o fator natural — as chuvas — será suficiente para provocar uma desativação espontânea?

Alguns técnicos acham que será. Outros duvidam. Os garimpeiros já anunciaram que permanecerão em Serra Pelada mesmo quando estiverem caindo as pesadas

chuvas. Impossibilitados de fazer a escavação, eles farão a lavagem do material acumulado, rejeitos que concentram apreciável teor de ouro. Mesmo sem nada fazer, a legião de meias-praças e formigas não arredará pé da área, a fim de garantir seu lugar quando retornar o verão.

Mas quem os manterá alimentados e recebendo diária? Por quanto tempo isso será possível? Os que fazem as perguntas são céticos em relação à permanência dos garimpeiros: acreditam que a chuva induzirá a uma retirada gradual, sem problemas. Confiam na "evidência dos fatos": as cavas já atingiram profundidades de 80 a 90 metros em relação à área ao redor. Para que as escavações pudessem continuar, seria preciso remover uma enorme quantidade de terra, rebaixando os barrancos num ângulo de 15 graus. Ainda assim, a perfuração na rocha não poderia mais ser feita manualmente. O uso de dinamite provocaria desmoronamentos. A solução lógica, dizem, é a lavra mecanizada. A fase do garimpo esgotou-se.

O deputado Sebastião Curió diz que a tese é manejada para servir a interesses disfarçados de grupos econômicos, inclusive estrangeiros. O interesse suscitado mundialmente por Serra Pelada é evidente e pode-se presumir o jogo de pressões nos bastidores. Mas não existem provas de que, especificamente em Serra Pelada, haja outros grupos econômicos além da Docegeo. Os que o deputado cita estão realmente em constituição e lançam-se sobre a Amazônia. Mas não estão associados à Docegeo (que é estatal) e ainda não se conseguiu evidência concreta de que a subsidiária da CVRD seja um biombo para a entrada do ouro.

Não há dúvida de que os argumentos expostos pelos defensores da continuidade do garimpo são fortes e os prejuízos que declaram advogar chegam a parecer comoventes. Do outro lado do "front", o inimigo caracterizado pode parecer antipático, mas tem também razões fortes para apresentar em defesa de sua posição. A grande dificuldade em passar a limpo tudo isso está justamente na aproximação da retórica à realidade. Faltam elementos de provas e de evidência para confrontar com os discursos, distância criada e alimentada por uma barreira montada pelo próprio Curió: o conceito de segurança nacional. Ao acusar o Governo de estar tomando a posição contra o garimpo para favorecer algumas empresas, o ex-coordenador de Serra Pelada coloca-se em uma posição difícil: ir em frente e romper com seu passado, ou contemporizar. Sua definição deve exercer alguma influência sobre o futuro na área.